

Ensino e aprendizagem de língua inglesa em escolas públicas de Santa Maria/RS

Gabriela Quatrin Marzari

Centro Universitário Franciscano

Mariluz Ribeiro Badke

Centro Universitário Franciscano

Resumo

O ensino e a aprendizagem de línguas estrangeiras, particularmente de língua inglesa, têm recebido especial atenção por parte de pesquisadores e professores do idioma. Nesse sentido, ao longo deste estudo, buscamos investigar os processos de ensinar e aprender a língua inglesa em quatro escolas públicas de Santa Maria, a partir da análise das concepções de professores do idioma. A coleta de dados foi realizada por meio de um questionário e narrativas de aprendizagem aplicadas aos professores. Para a análise e discussão dos resultados, foram retomados os estudos sobre ensino e aprendizagem de LEs, conforme desenvolvidos por Leffa (2011), Rajagopalan (2011), Schmitz (2011), Crystal (2005) e Paiva (1997). Concluímos que, segundo a concepção dos professores investigados, ensinar a língua inglesa continua sendo um desafio em se tratando do contexto da escola pública, embora haja boa vontade e empenho por parte da maioria dos docentes que lá atuam.

Palavras-chave: escola pública; ensino e aprendizagem; inglês como língua estrangeira.

Abstract

The teaching and learning of foreign languages, particularly the English language, has received special attention from researchers and language teachers. Accordingly, in this study, we investigate the processes of English language teaching and learning in four public schools in the city of Santa Maria, based on the conceptions of language teachers. The data were collected through a questionnaire and through learning narratives that were applied to the teachers who joined this study. The analysis of the data and the discussion of the results, focusing on the processes of English language teaching and learning, are based on Leffa (2011), Rajagopalan (2011), Schmitz (2011), Crystal (2005) and Paiva (1997). We concluded that, in the teachers' opinion, teaching the English language at public schools remains a challenge, although most of the teachers who work in those contexts have shown good will and commitment to their job.

Keywords: public schools; teaching and learning; English as a foreign language

INTRODUÇÃO

A importância de aprendermos uma Língua Estrangeira (LE) na atualidade é inquestionável. Sendo essa língua o Inglês, vários são os fatores que acabam por justificar a

aprendizagem do idioma. Graças a esses fatores, podemos dizer que o Inglês recebe, atualmente, o *status* de língua franca¹, uma vez que nenhuma outra língua atingiu essa dimensão até o presente momento. Se você domina a língua inglesa, seu currículo será diferente em relação aos dos demais indivíduos e isso poderá facilitar no momento de conseguir um emprego, por exemplo.

Outro fator importante em relação à aprendizagem da língua inglesa está no acesso facilitado à internet, pois muitos *sites* proporcionam um contato direto com o idioma. No que tange ao entretenimento, referimo-nos, por exemplo, a quem gosta de ouvir, compreender e cantar músicas em inglês; ou então quem gosta de um bate-papo na *web*, através dos *chats*, ou de viajar, uma vez que, graças ao domínio do idioma, poderá interagir com outras pessoas de diferentes países tendo, pois, o privilégio de conhecer diferentes culturas. Segundo Oliveira (2009, p. 27), ao estudar uma LE,

(...) o estudante entra em contato com outra cultura, o que contribui para que ele conheça aspectos culturais diferentes daqueles presentes na sua comunidade. Isso pode levar o estudante a um processo de reflexão acerca do outro e de si próprio.

Além disso, os PCNs (1998) afirmam que “[a] aprendizagem de LE é uma possibilidade de aumentar a autopercepção do aluno como ser humano e como cidadão”. Nesse sentido, aprender uma LE nos permite interagir com pessoas de diferentes culturas e crenças, com diferentes modos de pensar e agir. Em vista disso, a disciplina de LE não deveria ser ofertada nas escolas de Ensino Fundamental e Médio apenas porque se trata de uma exigência do Ministério da Educação (LDB 1996); o ensino de inglês como língua estrangeira (ILE) não deveria ser visto como mera formalidade dos currículos escolares, uma vez que esse idioma contribui para a formação plena do indivíduo que a domina.

Vale salientar que, na atualidade em que vivemos, o inglês alcançou um *status* que nenhuma outra língua conseguiu alcançar até o presente momento. Segundo Crystal (2005, p. 22), cerca de 400 milhões de pessoas falam inglês como primeira língua, 400 milhões utilizam esse idioma como segunda língua e 600 milhões o empregam como LE. Rajagopalan (2005) argumenta que em torno de 80 a 90% da divulgação do conhecimento científico ocorre em inglês. O autor acrescenta ainda que: “quem se recusa a adquirir um conhecimento mínimo da língua inglesa corre o perigo de perder o bonde da história” (p. 149).

¹ A utilização crescente do inglês para comunicação entre falantes de inglês como segunda língua ou língua estrangeira em situações que não envolvem a presença de um falante nativo da língua justifica, para Erling (2005), a preferência de muitos pesquisadores pelo termo *English as a lingua franca* (ELF). Crystal (2003) atribui à língua inglesa o papel de *lingua franca* ou língua comum (*common language*) por garantir a interação entre povos oriundos de diferentes culturas, falantes de diferentes idiomas. Em outras palavras, ao permitir a livre comunicação entre pessoas que falam idiomas distintos, a língua inglesa assume a função de *lingua franca*.

Assim, percebemos que aprender um idioma, em especial a língua inglesa, significa crescimento e desenvolvimento por parte do ser humano, a fim de que possa acompanhar as rápidas mudanças que vêm ocorrendo neste século. Segundo Crystal (2005), o inglês é destaque, em nível mundial, na economia, na imprensa, na propaganda, na radiodifusão, no cinema, na música popular, nas viagens internacionais, na segurança, na educação e na comunicação.

Em relação à aprendizagem do idioma no contexto escolar, poderíamos nos questionar: será que o que foi comentado anteriormente sobre a dimensão do inglês na atualidade, em algum momento, é repassado pelos professores de língua inglesa do ensino público aos seus alunos? O que a disciplina de língua inglesa oferece atualmente, nas escolas da rede pública, que acaba causando tanta desmotivação por parte dos alunos ao (tentar) aprendê-la? Talvez, se estivessem conscientes de que o inglês é a língua que permite o livre acesso a pessoas e lugares do mundo todo, a língua das organizações internacionais e, conseqüentemente, a língua mais estudada no mundo, os aprendizes poderiam perceber que estudar inglês é tão importante quanto estudar matemática, física, biologia, enfim, todas as demais disciplinas do currículo escolar. Sob essa perspectiva, o presente trabalho tem como objetivo investigar as concepções de professores sobre o ensino e a aprendizagem de ILE em escolas públicas de Santa Maria, localizadas no centro e na periferia da cidade.

Para tanto, participaram do estudo quatro professoras da rede pública (Professora A, Professora B, Professora C e Professora D)², que responderam a um questionário (Anexo A), composto de questões dissertativas e objetivas sobre o ensino e a aprendizagem do idioma nas escolas onde atuam (Escola A, Escola B, Escola C e Escola D), sendo que duas dessas escolas (Escola A e Escola D) estão localizadas na zona rural e duas (Escola B e Escola C), na zona urbana de Santa Maria. Além do questionário, as professoras foram solicitadas a redigir narrativas de aprendizagem (Anexo B), no intuito de investigarmos possíveis relações entre sua formação acadêmica e atuação em sala de aula. Dessa forma, as professoras tiveram a liberdade de falar sobre suas dificuldades, experiências, fracassos, conquistas, entre outros aspectos que têm influenciado o ensino e a aprendizagem da língua inglesa em escolas públicas de Santa Maria.

² Por questões éticas, não foram mencionados os nomes das professoras e das escolas que fizeram parte desta pesquisa.

ENSINO DE ILE NA ESCOLA PÚBLICA: DESAFIOS E POSSIBILIDADES

O ensino da língua inglesa, no contexto brasileiro, não tem sido uma atividade fácil. Vários são os motivos que dificultam o ensino desse idioma, principalmente no que se refere ao contexto da escola pública, onde percebemos que o nível de proficiência dos alunos é bastante heterogêneo, as salas apresentam um número elevado de alunos e, além disso, há uma escassez de recursos didáticos destinados ao ensino de LEs. Segundo os PCNs (1998, p. 23):

(...) A maioria das propostas situam-se na abordagem comunicativa de ensino de línguas, mas os exercícios propostos, em geral, exploram pontos ou estruturas gramaticais descontextualizados. A concepção de avaliação, no entanto, contempla aspectos formativos que parecem adequados. Todas as propostas apontam para as circunstâncias difíceis em que se dá o ensino e aprendizagem de Língua Estrangeira: falta de materiais adequados, classes excessivamente numerosas, número reduzido de aulas por semana, tempo insuficiente dedicado à matéria no currículo e ausência de ações formativas contínuas junto ao corpo docente. (BRASIL, 1998, p. 23)

Para que tenhamos uma visão mais clara sobre o ensino de ILE em escolas públicas, apresentamos, resumidamente, uma pesquisa desenvolvida no ano de 2004 em três escolas públicas de uma cidade de médio porte da Zona da Mata, no Estado de Minas Gerais. Primeiramente, foi feito um levantamento das crenças de quatro professores de inglês e de seus respectivos alunos sobre o ensino de língua inglesa.

Já na primeira entrevista, percebemos que o excessivo número de alunos por turma, a falta de material didático e as precárias condições das salas de aula interferem no ensino e na aprendizagem do inglês, conforme revela o depoimento de um dos participantes do estudo:

(...) é uma pena que as turmas são tão grandes, quase cinquenta alunos às vezes, então fica difícil... tem uma meia dúzia que quer... se eu pudesse tirar uma meia dúzia e por numa salinha pequena, era o sonho de todo mundo, mas não é a realidade, né (...). (COELHO, 2010, p. 132)

O depoimento seguinte diz respeito à proposta curricular dos conteúdos a serem ensinados em sala de aula. Segundo os professores entrevistados, os alunos não querem aprender coisas mais desafiadoras; eles estão interessados em aprender coisas “fáceis”, conforme esclarece a citação abaixo:

(...) até me preocupo em levar alguns jogos... (...) enquanto eles estão fazendo alguma coisa assim lúdica... vocabulário eles gostam muito... eles memorizam... agora quando eu começo a ensinar a gramática... ‘vamos ensinar o uso do ‘do’ e do ‘does’ ... ‘ah, Vilma! Isso não!’... então quando é coisa que eles gostam, que eles memorizam fácil, que tá no nível deles, eles curtem, mas quando é uma coisa mais difícil, uma gramática, uma coisa assim, eles já falam, ‘ah isso é difícil! Isso eu não vou aprender!’... (COELHO, 2010, p. 133)

Ainda sobre o ensino de ILE, um professor aborda a questão da motivação. Segundo esse participante, a motivação de ambos - professor e aluno - é um dos principais fatores apontados para a aprendizagem do idioma por parte do aluno, pois, quando motivado, certamente gostará das aulas e aprenderá o que lhe for ensinado. Nesse sentido, o papel do professor é fundamental, uma vez que o método de ensino a ser utilizado em sala de aula dependerá do perfil do aluno que lá encontrará.

(...) o aluno que está motivado ele aprende mais, o aluno que está mal, que você tem que correr atrás, dar outra chance, outra prova... é aquele aluno que não está motivado, não está gostando... e fazer uma coisa que a gente não está feliz é muito ruim não é? Muito desmotivante mesmo, em qualquer área da vida... (COELHO, 2010, p. 133)

Esses depoimentos retomam e confirmam as dificuldades geralmente encontradas por professores que atuam na escola pública, principalmente aqueles que ensinam a disciplina de língua inglesa, que, conforme consta nos próprios PCNs, "(...) não tem lugar privilegiado no currículo, sendo ministrada, em algumas regiões, em apenas uma ou duas séries do ensino fundamental (...)".

Outra questão abordada nos depoimentos diz respeito aos conteúdos. Os alunos não gostam de estudar gramática, pois a consideram um conteúdo difícil. Sabemos, no entanto, que esse é um conteúdo necessário à aprendizagem de qualquer língua. Aliás, quando se pensa em aprender uma LE, é preciso aprender as quatro habilidades linguísticas, isto é, produção oral (fala), compreensão oral (escuta), produção escrita (escrita) e compreensão escrita (leitura). Porém, os PCNs (1998) priorizam o ensino da leitura sobre as demais habilidades linguísticas, por julgá-la a mais coerente com a proposta metodológica adotada por escolas regulares da Educação Básica e por considerá-la extremamente necessária ao aprimoramento social e cultural do aprendiz:

(...) considerar o desenvolvimento de habilidades orais como central no ensino de Língua Estrangeira no Brasil não leva em conta o critério de relevância social para a sua aprendizagem. (...) o uso de uma língua estrangeira parece estar, em geral, mais vinculado à leitura de literatura técnica ou de lazer. Note-se também que os únicos exames formais em Língua Estrangeira (vestibular e admissão a cursos de pós-graduação) requerem o domínio da habilidade de leitura. Portanto, a leitura atende, por um lado, às necessidades da educação formal, e, por outro, é a habilidade que o aluno pode usar em seu contexto social imediato. Além disso, a aprendizagem de leitura em Língua Estrangeira pode ajudar o desenvolvimento integral do letramento do aluno. A leitura tem função primordial na escola e aprender a ler em outra língua pode colaborar no desempenho do aluno como leitor em sua língua materna. (PCNs, 1998, p. 20)

Contudo, entendemos que aprender uma LE requer que o aluno seja capaz de falar, escutar, escrever e ler fazendo uso dessa língua. Só assim ele vivenciará uma aprendizagem

que lhe dê condições de interagir com pessoas de diferentes culturas. O problema surge quando o aluno se depara com um professor que não está engajado com o ensino de ILE na escola pública. Podemos citar o depoimento de um aluno sobre professores que não “querem” ensinar, a partir de uma narrativa de aprendizagem escrita por um aluno que expõe o seu desejo em aprender inglês em contextos diferenciados de ensino. O aluno afirma, na sua narrativa de aprendizagem, que:

[n]o meu último ano no segundo grau, pela primeira vez tive, na escola, um professor que realmente conhecia a língua inglesa. Afinal, ele não só falava, mas havia morado em um país de língua inglesa. O curioso é que, sendo um conhecido professor de escolas de idiomas, este também não ensinava nada, nem sequer falava em sala de aula, o que lhe rendera o apelido de professor mudo. (LIMA, 2011, p. 13-14).

Com base nesse depoimento, podemos perceber que o problema do ensino de ILE não está somente ligado à falta de material didático adequado, a salas de aula superlotadas e a alunos desinteressados pelo conteúdo. O problema pode estar relacionado, também, a professores que não têm capacidade e domínio do conteúdo que ensinam. Segundo Leffa (2011, p. 21), “[o] grande paradoxo da educação pública brasileira no ensino fundamental e médio é que o professor ensina para o aluno algo que ele mesmo não conhece.” Além disso, há professores que sabem o conteúdo, mas não querem ensinar. Então, é preciso uma ação conjunta entre professor e aluno, para que o trabalho desenvolvido em sala de aula seja produtivo para ambas as partes. A esse respeito, Lindsay e Knight (2006, p. 13) argumentam:

[e]ffective learning is the result of the partnership between learner and teacher with both taking the responsibilities appropriate to their roles. In order to fulfill their role, teachers must have a sound knowledge of the language system and four skills.³

Dessa forma, é possível perceber que, em qualquer instituição de ensino, seja pública ou privada, a responsabilidade, tanto do professor quanto do aluno em sala de aula, é inquestionável. Só nos resta esperar que o ensino de LEs, em especial de língua inglesa, tenha em breve um lugar privilegiado no currículo escolar. Há um mito de que o ensino de ILE, nas escolas públicas, não é considerado competente, ou seja, não funciona.

Como consequência, conforme esclarece Paiva (1997), o ensino de inglês acaba sendo privilégio das elites, que conseguem pagar por aulas particulares ou estudar em um curso livre de línguas, a fim de desenvolver as habilidades linguísticas com proficiência. O senso comum reforça o mito de que as classes populares não têm como financiar seus estudos e que as elites

³ A aprendizagem efetiva resulta da parceria entre aluno e professor, ambos assumindo as responsabilidades de seus papéis. A fim de cumprir com o seu papel, os professores devem ter um conhecimento sólido do sistema linguístico e das quatro habilidades. (tradução nossa).

não querem se misturar aos pobres na aprendizagem de LEs. Leffa (2011, p. 20) critica a ideia de que o povo brasileiro, em especial os pobres, não possa estudar inglês simplesmente porque nunca terá a oportunidade de viajar para o exterior. Segundo o autor (2011, p. 20), a escola “[i]nsiste em lhe dar um conhecimento que ele já tem (a língua nacional), negando-lhe o acesso a um conhecimento que ele não tem (a LE). É uma tentativa de inclusão por exclusão.” Todavia, em função da globalização, a aprendizagem de no mínimo uma LE é imprescindível nos dias atuais. Se a escola pública não oferece esse ensino aos menos privilegiados, quem o fará? Ora, não aprendemos inglês apenas para viajar para países falantes do idioma. Aprendemos inglês para atingir diferentes propósitos, dentre eles, aprender sobre novas culturas, obter melhores empregos, ter acesso a informações atualizadas, conhecer pessoas e fazer amigos, assistir a filmes sem legenda ou ouvir músicas sem tradução, entre outros.

Com isso, nos questionamos sobre os reais culpados pelo fracasso do ensino de língua inglesa nas escolas públicas brasileiras. Segundo Leffa (2011), na tentativa de encontrarmos um culpado para esse fracasso, foram criados, pelo menos, três bodes expiatórios: o governo, o professor e o aluno. O governo, por instituir leis que limitam o acesso à LE na escola pública e por não oportunizar um ensino de qualidade, devido, principalmente, à falta de professores devidamente qualificados, à carência de recursos e materiais didáticos adequados e à reduzida carga horária destinada ao ensino de LEs. Segundo Oliveira (2011, p. 84),

[c]riar leis e regulamentações para reger o sistema público de ensino e não prover meios para que a lei se concretize é adotar uma política do fingimento. Descreve-se no papel a realidade desejável, perpetra-se legal e verbalmente um futuro por fazer-se, mas cruzam-se os braços e faz-se de conta que o verbo se fará carne espontaneamente.

Isso quer dizer que o governo cria as leis, mas na hora de colocá-las em prática, ele mesmo omite a garantia de um ensino de qualidade, no que diz respeito às LEs, em nossa sociedade. Dando seguimento aos possíveis culpados pelo fracasso no ensino da língua inglesa, Leffa (2011) argumenta que o segundo culpado pode ser o professor, por ensinar ao aluno algo que, muitas vezes, desconhece ou por, mesmo conhecendo a fundo o conteúdo a ser trabalhado, não sabe ensiná-lo, ou seja, não segue uma metodologia de trabalho que atenda às necessidades de seus aprendizes. A esse respeito, o autor esclarece: “[é] óbvio que não basta saber a LE para ser um bom professor; mas nem mesmo a língua muitos professores sabem, principalmente fora dos grandes centros” (LEFFA, 2011, p. 21).

Finalmente, segundo Leffa (2011), o terceiro possível culpado pelo fracasso do ensino de língua inglesa na escola pública é o aluno, por demonstrar desinteresse pela construção do

conhecimento na língua a ser aprendida. Conforme esclarece o autor (2011), alguns alunos estudam somente para obter a aprovação, não percebendo a verdadeira finalidade da escola, que é promover e socializar o conhecimento entre professores e aprendizes e destes entre si. Há ainda o aluno que passa pela escola como um “zumbi”, não tirando proveito algum da aprendizagem que lhe é fornecida (LEFFA, 2011, p. 24). Dessa forma, concluímos que podem existir diferentes culpados pelo fracasso do ensino de ILE na escola pública. A culpa pode ser do governo, por não cumprir as leis; do professor, por não querer ou não saber ensinar; ou ainda do aluno, por não querer aprender.

Com base no exposto, nosso objetivo principal, ao desenvolver este estudo, foi verificar se os desafios que configuram o atual cenário do ensino de LEs, especialmente de língua inglesa, em escolas públicas brasileiras, conforme apontados pela literatura vigente sobre o assunto, são sentidos localmente, ou seja, em escolas públicas de Santa Maria, a partir dos depoimentos de professoras de língua inglesa de escolas públicas locais.

ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A retomada de estudos desenvolvidos sobre o ensino de LEs em escolas públicas brasileiras, em particular, os obstáculos encontrados por professores e aprendizes de língua inglesa ao ensiná-la/aprendê-la, respectivamente, nos motivou a investigar a realidade dessa experiência em quatro escolas públicas da cidade de Santa Maria/RS. Para tanto, as concepções de quatro professoras de língua inglesa, atuantes nas escolas pesquisadas, sobre o ensino do idioma no contexto investigado, serviram como *corpus* de análise para este estudo.

A coleta de dados foi realizada por meio de dois instrumentos: um questionário, composto por seis questões dissertativas e quatro questões objetivas, e uma proposta de redação de narrativa de aprendizagem. Por meio desses instrumentos, buscamos esclarecer questões pontuais sobre o ensino e a aprendizagem de LEs na escola pública, dentre as quais, destacamos: formação docente (inicial e continuada), visão sobre o ensino de LEs na escola pública, metodologias e abordagens de ensino, habilidades desenvolvidas e sistema de avaliação.

A seguir, apresentamos uma análise das concepções de cada uma das professoras pesquisadas (Professora A, Professora B, Professora C e Professora D), a fim de esclarecer, ao menos em parte, as questões anteriormente enumeradas, de modo que possamos compreender com mais propriedade o atual cenário do ensino de LEs na escola pública brasileira.

Análise do discurso da Professora A

A Professora A teve o primeiro contato com a língua inglesa no quinto ano do Ensino Fundamental e, na mesma época, participou do clube de inglês da escola, que durou cerca de um ano. Quando ingressou no curso de Letras: Português/Inglês frequentou, paralelamente, um curso de inglês em uma escola de idiomas e, após terminar a faculdade, foi para os Estados Unidos, onde ficou, durante três meses, trabalhando como professora voluntária. A Professora A também se especializou em gestão escolar, em metodologias do ensino de inglês e atualmente é aluna do programa de pós-graduação de uma Instituição de Ensino Superior local. Além disso, segundo ela, para aprimorar a habilidade da fala, procura conversar com falantes nativos, ouvir músicas e assistir a filmes e programas de TV em inglês sempre que possível; o que acaba contribuindo para a sua formação continuada.

Segundo a Professora A, a Escola A oferece vários recursos didáticos que facilitam o ensino da língua inglesa, como, por exemplo, laboratório de informática com acesso à Internet, TV 32 polegadas, DVD, projetor multimídia (*data show*), retroprojetor, aparelho de som, dicionários de inglês, salas de aula climatizadas, máquina fotográfica digital, filmadora, *notebook* e, a partir de 2011, houve a implantação do livro didático para o ensino de língua inglesa. É possível imaginar que, com todos esses recursos, o professor que se compromete com o ensino possa planejar uma aula que motive seus alunos a aprender inglês. Durante a pesquisa, a Professora A destacou que “numa pesquisa feita pela direção da escola a respeito da satisfação deles, realizada no ano passado, eles pediram mais aulas de inglês”.

Dessa forma, o depoimento da Professora A nos leva a crer que o ensino de inglês na Escola A é positivo e que, nesse sentido, vem ao encontro das expectativas dos alunos, uma vez que ela os percebe, em sala de aula, motivados, à vontade, curiosos e ansiosos. Isso se deve, talvez, aos diferentes métodos e metodologias de ensino adotados pela professora, para facilitar a aprendizagem da língua inglesa, como: utilização de textos originais ou autênticos, letras de música devidamente selecionadas, preparo de receitas na cozinha, criação e confecção de monstros, provas em grupo e em circuitos criados dentro da escola, uso do computador, além da realização de exercícios de gramática, produção de textos, ditados, pesquisas, atividades de leitura em voz alta e jogos.

Essa proposta encontra respaldo no discurso da Professora A, que afirma: “não existe um único método milagroso, até porque cada aluno tem suas particularidades e responde de forma diferente às atividades, por isso, é fundamental variar as atividades e a metodologia utilizada”. Por isso, dentre os recursos pedagógicos que a Professora A utiliza nas aulas de

inglês, estão o quadro negro, CDs/DVDs, computadores, dicionários, polígrafo próprio, jogos, sucata em geral, ambientes diversificados como a cozinha e o pátio da escola.

Sabemos que, dentre as exigências presentes no ensino de línguas estrangeiras, encontra-se o desenvolvimento das quatro habilidades linguísticas, necessárias à aprendizagem da língua alvo. Acreditamos, no entanto, que a escola pública não prepara o aluno para a oralidade, por não trabalhar essas habilidades de forma harmônica e igualitária. Em vista disso, as professoras participantes deste estudo foram abordadas sobre as habilidades linguísticas mais desenvolvidas em sala de aula. A Professora A respondeu que ensina as habilidades de *reading*, *writing* e *listening*. Isso se deve, na opinião da professora, a dois aspectos principais: “(...) em primeiro lugar, o tamanho das turmas dificulta a ênfase nas habilidades orais; e, em segundo lugar, os próprios PCNs priorizam a leitura e compreensão de textos, deixando a oralidade em segundo plano”.

No que se refere às habilidades linguísticas consideradas mais difíceis pelos alunos, a professora respondeu que, em primeiro lugar, está a conversação; em segundo, a compreensão oral; em terceiro, a escrita; e, por fim, a leitura. Esse depoimento nos leva a pensar o que parece óbvio. Se o professor não enfatiza uma determinada habilidade, neste caso, a conversação, seus alunos terão mais dificuldade nessa habilidade. Já no que se refere à habilidade de leitura, a professora afirma que eles demonstram ter mais facilidade, talvez por ser esta uma das habilidades mais trabalhadas em sala de aula.

Quanto aos principais instrumentos de avaliação adotados pela professora para avaliar o nível de aprendizagem de seus alunos, estão: provas escritas, provas orais, exercícios gramaticais, trabalhos em grupo, tarefas extraclasse e produção de textos. Acreditamos que todas essas atividades sejam relevantes para a aprendizagem do idioma. No entanto, os alunos da Escola A parecem não desenvolver suficientemente a habilidade de conversação. Nesse caso, avaliar o aluno, inclusive, por meio de “provas orais” não parece ser uma boa estratégia de aprendizagem, já que a oralidade não é suficientemente explorada nas atividades desenvolvidas pela professora ao ensinar a língua inglesa.

Por fim, a ênfase dada à habilidade de leitura nos leva a crer que, apesar de a professora estar bastante engajada com o ensino de inglês em seu contexto de atuação, fazendo uso de uma metodologia que resulte em aulas interessantes e prazerosas para ambos (professor e aprendiz), o ensino da habilidade de *speaking* é relegado a plano secundário, o que resulta em uma lacuna evidente quando pensamos nas atuais demandas sociais relativas ao uso de línguas estrangeiras.

Análise do discurso da Professora B

A Professora B teve o seu primeiro contato com a língua inglesa na sétima série do Ensino Fundamental, dando continuidade à aprendizagem do idioma no Ensino Médio. Após concluir o curso de Letras: Português/Inglês fez cursos nos Estados Unidos e no Japão. No Japão, participou, por dois anos, de um curso destinado à capacitação de professores (“*Teacher Training*”), a fim de aprimorar seus conhecimentos em relação à língua inglesa e aprender mais sobre novas culturas. A Professora B afirma que, todo ano, faz cursos de formação e viagens para o exterior e, atualmente, é aluna especial do curso de mestrado em uma instituição de ensino superior local. Dessa forma, percebemos que a Professora B está comprometida com o ensino e a aprendizagem de ILE, na medida em que procura se atualizar e aperfeiçoar constantemente.

A respeito da Escola B, a professora B afirma que, naquele contexto, são disponibilizados os seguintes materiais para facilitar o ensino da língua inglesa: quadro, giz, som, televisão, sala digital, DVD e dicionários. Dentre os recursos pedagógicos utilizados pela professora, estão: quadro negro, livro didático, CDs/DVDs, computadores, revistas e projetor multimídia (*data show*). Por meio desses recursos, a Professora B procura desenvolver diferentes métodos de ensino, considerando-se as diferentes abordagens existentes, como, por exemplo: ditados, pesquisas, leitura em voz alta, jogos, escuta de diálogos para posterior reprodução, produção de desenhos, colagens, comparações entre diferentes gêneros textuais e assim por diante. A professora relata ainda que gostaria de optar por um método mais relacionado à abordagem comunicativa, porém, considerando-se o atual contexto de sala de aula, chega à conclusão de que isso não é possível.

No que diz respeito às habilidades linguísticas mais trabalhadas em sala de aula, a professora afirma que costuma trabalhar as habilidades de *listening* e *speaking* com alunos do 3.º ao 5.º ano e *reading* e *writing* com alunos do 6.º ao 9.º ano. Isso não quer dizer que as demais habilidades não sejam ensinadas; segundo a professora, elas são, porém, em menor proporção. Dentre as habilidades linguísticas que os alunos demonstram ter mais dificuldade, segundo a professora, estão a conversação e a escrita. Considerando o depoimento da professora, especificamente em relação ao ensino das habilidades linguísticas, podemos perceber que as quatro habilidades não são trabalhadas de forma harmônica, já que ela prioriza e divide as habilidades conforme a série do aprendiz.

No que se refere aos instrumentos de avaliação utilizados para avaliar o nível de aprendizagem dos alunos, a professora afirma que faz uso de provas escritas, provas orais,

trabalhos em grupo, tarefas extraclasse e, além disso, considera a participação, a assiduidade e a cooperação entre os aprendizes como critérios importantes de avaliação. Acreditamos que tais critérios possam contribuir para que os alunos sejam mais comprometidos com a sua própria aprendizagem, neste caso, de inglês, uma vez que as professoras participantes desta pesquisa relataram, por meio dos questionários, que alguns alunos não demonstram interesse em aprender o idioma. Apesar disso, a professora destaca que os alunos, de modo geral, estão conscientes da importância desse conhecimento. A análise do discurso da Professora B nos leva a crer que ela está engajada no processo de ensinar ILE, principalmente porque se preocupa com a sua formação continuada, na medida em que se atualiza continuamente, por meio de cursos e viagens de estudo.

Análise do discurso da Professora C

A Professora C teve o primeiro contato com a língua inglesa no sexto ano do Ensino Fundamental. Para aprender mais sobre o idioma, a professora decidiu estudar Letras: Português/Inglês. Depois de formada, especializou-se em ensino de línguas e, segundo ela, quando tem disponibilidade, faz cursos de aperfeiçoamento e formação continuada. A professora argumenta que, na escola onde atua, há falta de profissionais que poderiam auxiliar o trabalho dos professores. A professora argumenta ainda que algumas turmas são muito grandes e muitos alunos apresentam dificuldades de aprendizagem. Por isso, segundo a professora, às vezes torna-se muito difícil tentar inovar a metodologia de ensino, propondo aos alunos uma atividade diferente como, por exemplo, desenvolver uma tarefa na sala de informática.

Segundo a Professora C, os principais problemas encontrados no ensino de línguas estrangeiras na escola pública são: falta de estrutura física, poucas horas de aula por semana, falta de interesse por parte dos alunos (embora esse não seja um problema específico das línguas estrangeiras), professores com muitas turmas e classes superlotadas. No que diz respeito aos recursos que a Escola C disponibiliza, a professora cita: quadro negro, livros didáticos, Internet, TV e DVD. Todavia, no que se refere aos métodos de ensino adotados pela professora para o ensino da língua inglesa, ela afirma: “[d]epende da turma, em algumas podemos utilizar métodos menos tradicionais, [em] outras não”. Essa afirmação reforça a ideia de que aulas essencialmente tradicionais, geralmente monótonas e pouco atrativas, não despertam o interesse dos alunos.

Dentre as atividades desenvolvidas pela professora da Escola C, estão exercícios de gramática, compreensão de letras de música e traduções, leitura em voz alta, jogos e atividades com filmes legendados. Como atividades avaliativas, a professora faz uso de provas escritas, exercícios gramaticais, trabalhos em grupo e tarefas extraclasse. Em relação às habilidades que os alunos encontram maior dificuldade, estão, em primeiro lugar, a conversação; em segundo, a leitura; em terceiro, a escrita; e, por último, a compreensão oral.

Considerando o exposto, podemos perceber que a Professora C demonstra certa preocupação quanto ao ensino da língua inglesa; porém, ao adotar o método tradicional em algumas situações de sala de aula, ela pode estar deixando de motivar seus aprendizes, já que os recursos existentes atualmente para o ensino do idioma são inúmeros e bastante atrativos. Além disso, pelo fato de atuar em duas escolas, geralmente possui muitas turmas, o que faz com que disponha de pouco tempo para investir na sua formação continuada e, principalmente, na preparação das aulas de língua inglesa para cada grupo.

Análise do discurso da Professora D

Finalmente, embora não mencione a série, a Professora D afirmou que teve seu primeiro contato com a língua inglesa na escola pública e jamais fez curso(s) de línguas. Segundo a professora, para ingressar no Ensino Superior, na época, era necessário fazer uma prova dissertativa na língua inglesa. Por isso, a professora fazia duas aulas semanais de produção textual (redação) em inglês em um cursinho pré-vestibular para ser aprovada no referido concurso. Após aprovada no curso de Letras: Português/Inglês, a professora afirma que se sentiu perdida entre aqueles colegas que sabiam mais ou que tinham condições para fazer aulas de inglês em cursos de idioma. Depois de formada em Letras, a professora fez curso de pós-graduação em Literatura Brasileira. Suas atuais atividades de formação continuada, conforme propostas pela instituição mantenedora onde trabalha, têm como foco estudos em pedagogia, não em línguas estrangeiras. Na verdade, a professora afirma que, depois de formada, nunca mais desenvolveu estudos sobre a língua inglesa, tampouco aprimorou suas habilidades linguísticas. A seguir, apresentamos o depoimento da professora, que justifica a falta de investimento e interesse pela sua formação continuada no tocante à língua inglesa:

(...) no início, por falta de dinheiro e, depois, por falta de tempo, (...) infelizmente, percebi que o que tenho tem sido suficiente para a escola brasileira; parece que pouca coisa mudou... E olhe que, em função da minha boa vontade em preparar aulas relevantes e de

meu compromisso pessoal em fazer o melhor pelo meu aluno, eu não tenho uma prática das piores que já vi nestes anos todos de magistério.

O depoimento da professora revela uma situação pouco animadora quando se pensa no ensino de uma LE. Será que isso acontece apenas na escola pública? Ou será que isso acontece porque se trata de uma escola pública? Para responder a essas perguntas, recorreremos às respostas ao questionário aplicado à Professora D, para averiguar que recursos a escola disponibiliza e quais métodos de ensino a professora utiliza, a fim de ministrar aulas produtivas de língua inglesa aos alunos da escola pública brasileira.

Segundo a professora, a Escola D disponibiliza dicionários de qualidade, aparelhos de CD, computadores e, atualmente, o livro didático. Quanto ao método utilizado, acaba predominando o expositivo-dialogado. As atividades variam desde exercícios de gramática, ditados, pesquisas, escuta e compreensão de letras de música, leituras e jogos até dramatizações, debates e construções de maquetes. As atividades diferenciadas, propostas pela professora para o ensino da língua alvo, acabam por explicar o motivo pelo qual os alunos se sentem felizes e à vontade durante as suas aulas.

Em relação aos recursos didático-pedagógicos, a Escola D disponibiliza quadro negro, livro didático, CDs/DVDs, computadores e jogos para o ensino de línguas. Quanto aos instrumentos de avaliação, a professora faz uso de provas escritas, provas orais, trabalhos em grupo, tarefas extraclasse e pesquisas envolvendo vocabulário. Em relação à aprendizagem do idioma, segundo a professora, os alunos demonstram interesse e curiosidade no início do processo, mas parecem se desmotivar, gradativamente, na medida em que as exigências vão aumentando.

O discurso da professora D revela que, embora esteja empenhada em proporcionar um ensino relevante aos seus aprendizes, ou seja, aos alunos da escola pública, ela não tem participado de atividades que promovam a formação continuada em língua inglesa. Dentre os motivos pelos quais a professora D não está se atualizando na área de ensino de línguas estrangeiras, estão as condições financeiras, a falta de tempo e a ausência de foco, considerando seu atual campo de atuação.

Portanto, embora a professora promova atividades diferenciadas, tais como dramatizações, debates e construções de maquetes, e faça uso dos recursos didáticos que a Escola D disponibiliza, a Professora D afirma que não está investindo na sua formação continuada. Todavia, é de nosso conhecimento que a atualização - neste caso a formação continuada de professores de LEs - é necessária para a promoção de um ensino de qualidade, que atenda às demandas atuais e acompanhe as inovações tecnológicas da atualidade. Nesse

sentido, cabe ao professor de LEs atualizar-se para não correr o risco de perder o “bonde da história” (RAJAGOPALAN, 2005). O professor que é comprometido com o ensino precisa descobrir métodos que estimulem seus alunos a ir além da sala de aula e fazer com que o ensino, que é de sua competência, não seja, apenas, o suficiente para a escola pública brasileira.

A partir do depoimento das quatro professoras pesquisadas, podemos concluir que as condições para o ensino de LEs, neste caso de língua inglesa, não têm evoluído muito nos últimos anos. Em linhas gerais, podemos dizer que não houve aumento da carga horária na disciplina de língua inglesa e as turmas, na sua maioria, continuam com um número elevado de alunos, com níveis bastante divergentes ou heterogêneos de conhecimento. Além disso, há uma crescente falta de interesse por parte dos alunos em aprender, não apenas a língua inglesa, mas todas as disciplinas que fazem parte do currículo escolar. Conforme atesta um relato da Professora D, “(...) essa geração não vê a escola como um meio de inclusão social.” Há, ainda, professores com boa vontade, embora despreparados metodologicamente, o que pode comprometer a qualidade do ensino de qualquer disciplina, principalmente de línguas estrangeiras, quando se pensa na integração das quatro habilidades.

Nesse sentido, entendemos que ensinar uma LE na escola pública, nos dias atuais, é uma atividade desafiadora, já que, além de conhecimento, requer comprometimento, criatividade e muita força de vontade, principalmente, por parte do professor. Schmitz (2011) confirma essa ideia ao dizer: “[n]ão é fácil lecionar! Ponto final! É preciso preparar aulas, estudar, corrigir provas e variar as aulas e não fazer a mesma coisa todo o dia. A preparação não tem fim, na realidade. “Quem entra em sala de aula tem de gostar de pessoas, sejam elas crianças, jovens ou adultos (SCHMITZ, 2011, p.118).”

Logo, ensinar é, sem dúvida alguma, uma tarefa bastante árdua e complexa, principalmente quando consideramos o contexto da escola pública. No entanto, o professor, quando realmente comprometido com uma proposta de ensino de qualidade, procura fazer o possível para que suas aulas se tornem interessantes, produtivas e prazerosas, mesmo que, para isso, não tenha acesso às condições ideais de atuação e qualificação docente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ensinar e, principalmente, aprender uma LE, em especial a língua inglesa, na escola pública brasileira faz-se cada vez mais necessário. A língua inglesa já faz parte do nosso dia a dia e, queiramos ou não, tem-se tornado indispensável para o nosso aprimoramento

profissional, intelectual e relacional. Por isso, devemos valorizar e investir, constantemente, na melhoria do ensino de LEs na escola pública porque é nesse contexto que a maioria dos aprendizes tem o seu primeiro contato com a língua alvo. Na verdade, apenas uma minoria privilegiada do ponto de vista financeiro consegue estudar LEs em cursos livres de idiomas e, não raramente, de modo paralelo a sua atuação na escola regular.

Em função disso, pensando principalmente nos indivíduos cuja aprendizagem de determinada LE resulta exclusivamente do ensino advindo da escola pública, é dever e responsabilidade da escola (leia-se: governo): 1) oferecer materiais didáticos adequados ao ensino de LEs; 2) contratar professores que estejam engajados com o ensino de LEs para oferecerem aulas que despertem, em seus alunos, o desejo de aprender a língua alvo em suas diferentes manifestações; e 3) possibilitar e permitir que os professores de LEs participem de programas de formação continuada durante sua atuação.

Tendo em vista que o objetivo da pesquisa foi investigar o ensino e, até certo ponto, a aprendizagem de ILE em quatro escolas públicas de Santa Maria, por meio da análise do depoimento das próprias professoras atuantes nesses contextos, podemos dizer que os problemas previamente abordados em relação ao contexto brasileiro são comuns à realidade de escolas públicas de Santa Maria.

Dentre as principais dificuldades geralmente encontradas por professores e aprendizes de LEs no contexto da escola pública, estão: a reduzida carga horária destinada ao ensino de LEs; a falta de tempo e de condições financeiras por parte da maioria dos professores para aperfeiçoar seus conhecimentos em relação à língua que ensinam; a falta de motivação para aprender por parte dos alunos, que não veem relevância na aprendizagem do idioma ou que não acreditam na proposta pedagógica da escola pública; e na carência de políticas educacionais voltadas à valorização do magistério, particularmente, no que diz respeito ao ensino de LEs no contexto brasileiro.

Apesar de todos esses obstáculos, nós, professores de LEs, em particular de língua inglesa, não podemos deixar de acreditar na possibilidade de mudança, promovendo um ensino de qualidade e que atenda realmente às necessidades de nossos aprendizes. Portanto, é nossa tarefa buscar alternativas para a melhoria da qualidade do ensino de língua inglesa na escola pública, tendo em vista as atuais demandas sociais. Para isso, precisamos nos qualificar constantemente, desse modo, evitando que a inércia que parece às vezes tomar conta de alguns professores interfira negativamente na qualidade da aprendizagem de LEs, sobretudo, no contexto da escola pública brasileira.

REFERÊNCIAS

- Basso, E. A. (2006). Quando a crença faz a diferença. In: A. M. F. Barcelos & M. H. V. Abrahão (eds.). *Crenças e ensino de línguas: foco no professor, no aluno e na formação de professores*. p. 65-85. Campinas, SP: Pontes Editores.
- Brasil. (1998). Ministério da Educação e do Desporto. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Terceiro e Quarto Ciclos do Ensino Fundamental*. Brasília: MEC/SEF.
- Coelho, H. S. H. (2006). “É possível aprender inglês na escola?” Crenças de professores sobre o ensino de inglês em escolas públicas. In: A. M. F. Barcelos & M. H. V. Abrahão (eds.). *Crenças e ensino de línguas: foco no professor, no aluno e na formação de professores*. p. 125-143. Campinas, SP: Pontes Editores.
- Crystal, D. (2003). *English as a global language*. 2. ed. Cambridge: Cambridge University Press.
- _____. (2005). *A revolução da linguagem*. Tradução: R. Quintana. Consultoria: Y. Leite. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora.
- Erling, E. J. (2005). The many names of English: a discussion of the variety of labels given to the language in its worldwide role. *English Today*, v. 21, n. 1, p. 40-44, jan.
- Leffa, V. J. (2011). Criação de bodes, carnavalização e cumplicidade: considerações sobre o fracasso da LE na escola pública. In: Lima, D. C. de (org.). *Inglês em escolas públicas não funciona? Uma questão, múltiplos olhares*. p. 15-31. São Paulo: Parábola Editorial.
- Lima, D. C. de (ed.). (2011). *Inglês em escola pública não funciona? Uma questão de múltipla escolha*: São Paulo: Parábola Editorial.
- Lindsay, C. & Knight, P. (2006). *Learning and teaching English: a course for teachers*. New York: Oxford University Press.
- Oliveira, L. A. (2009). Ensino de línguas estrangeiras para jovens e adultos na escola pública. In: Lima, D. C. de (ed.). *Ensino e aprendizagem de língua inglesa: conversas com especialistas*. p. 21-30. São Paulo: Parábola Editorial.
- Oliveira, R. A. de (2011). A *matrix* da LE no Brasil: a legislação e a política do fingimento. In: Lima, D. C. de (ed.). *Inglês em escolas públicas não funciona? Uma questão, múltiplos olhares*. p. 67-78. São Paulo: Parábola Editorial.
- Paiva, V. L. M. O. (1997). *A identidade do professor de inglês*. APLIEMGE: Ensino e Pesquisa. Uberlândia: APLIEMGE/FAPEMIG, n.1, p. 9-17.
- Rajagopalan, K. (2005). A geopolítica da língua inglesa e seus reflexos no Brasil: por uma política prudente e propositiva. In: K. Rajagopalan & Y. Lacoste (eds.). *A geopolítica do inglês*. p. 135-159. São Paulo: Parábola Editorial.

Schmitz, J. R. (2011). Diálogo com um professor de língua inglesa sobre a carreira docente e a escola pública. In: D. C. de Lima (eds.). *Inglês em escolas públicas não funciona? Uma questão, múltiplos olhares*. p. 111-120. São Paulo: Parábola Editorial.

AS AUTORAS

Gabriela Quatrin Marzari é professora do curso de Letras: Português e Inglês do Centro Universitário Franciscano, Santa Maria/RS. Mestre em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Santa Maria/RS. Aluna do Curso de Pós-Graduação em Letras: Linguística Aplicada - Doutorado - na Universidade Católica de Pelotas (UCPel), Pelotas/RS.

E-mail: gabrielamarzari@gmail.com

Mariluz Ribeiro Badke é acadêmica do sétimo semestre do curso de Letras: Português e Inglês do Centro Universitário Franciscano (UNIFRA), Santa Maria/RS

E-mail: mrbadke@yahoo.com.br

ANEXO A - Questionário aplicado às professoras⁴



QUESTIONÁRIO DESTINADO A PROFESSORES DE INGLÊS DO ENSINO FUNDAMENTAL DE ESCOLAS PÚBLICAS DE SANTA MARIA/RS

Prezado(a) professor(a), sabemos que o ensino de línguas estrangeiras na atualidade, sobretudo nas escolas públicas, encontra diversos obstáculos. Apesar disso, no entanto, sabemos da importância, cada vez maior, do ensino e da aprendizagem de línguas estrangeiras em diferentes contextos instrucionais. Nesse sentido, pedimos sua colaboração, respondendo

⁴ Este questionário foi elaborado com base no texto de BASSO, Edcleia A. Quando a crença faz a diferença. In: BARCELOS, Ana Maria Ferreira; ABRAHÃO, Maria Helena Vieira (eds.)(2010). *Crenças e ensino de línguas: foco no professor, no aluno e na formação de professores*. Campinas, SP: Pontes Editores.

de forma fidedigna às perguntas deste questionário. Suas respostas serão utilizadas unicamente para fins de pesquisa e representarão parte do *corpus* analisado no desenvolvimento de nossa pesquisa, que investiga tanto o ensino quanto a aprendizagem de inglês em escolas públicas de Santa Maria.

Primeira etapa: questões dissertativas

1) Na sua opinião, quais são os principais problemas em relação ao ensino de línguas estrangeiras, neste caso o inglês, na escola pública?

2) Que recurso(s) a sua escola disponibiliza para “facilitar” o ensino da língua inglesa?

3) Como professora de línguas, fale a respeito de sua formação profissional (graduação, pós-graduação, etc.). Em que medida a formação continuada está presente na sua vida acadêmica?

4) Em relação à sua atuação em sala de aula, quais métodos de ensino são geralmente utilizados? Quais você julga mais eficientes? Explique.

5) Quais das quatro habilidades linguísticas (*speaking, reading, listening e writing*) são mais ensinadas nas aulas de inglês? Por quê?

6) Na sua opinião, os seus alunos *gostam* de estudar inglês?

() Sim () Não () Mais ou menos

Por quê? Cite exemplos concretos, referentes a situações de sala de aula, que dão sustentação à sua resposta.

Segunda etapa: questões objetivas

1) Quais das seguintes atividades são desenvolvidas mais frequentemente nas suas aulas de inglês?

- | | |
|-----------------------------|-----------------------------------|
| () Exercícios de gramática | () Escuta de músicas e traduções |
| () Produção de textos | () Leitura em voz alta |
| () Ditados | () Jogos |
| () Pesquisas | () Outras atividades. |

Quais? _____

2) Que instrumentos de avaliação você geralmente utiliza para avaliar o nível de aprendizagem de seus alunos?

- Provas escritas
- Provas orais
- Exercícios gramaticais
- Trabalho em grupo
- Tarefas extraclasse (*homework*)
- Outros. Quais? _____

3) Que artefatos ou recursos pedagógicos você geralmente utiliza nas aulas de língua inglesa?

- Quadro negro
- Livro didático
- CDs / DVDs
- Computadores (laboratório de informática)
- Outros. Quais? _____

4) Como você percebe os seus alunos nas aulas de inglês?

- Inseguros
- Amedrontados
- Motivados
- Felizes
- Outro _____
- Inibidos
- À vontade
- Curiosos
- Ansiosos

